

XXIX Encontro Anual da ANPOCS,

25 a 29 de outubro de 2005;

**GT22 - Sexualidade, corpo e gênero**

Coordenadores: Maria Filomena Gregori (Unicamp), Sérgio Carrara (UERJ),

Júlio Assis Simões (USP)

Título do trabalho: "Tudo muito além da sua imaginação": Sexualidade, entretenimento e pornografia "bizarra".

Autor: Jorge Leite Júnior (PUC-SP)

## "Tudo muito além da sua imaginação": Sexualidade, entretenimento e pornografia "bizarra".

Autor: Jorge Leite Júnior (PUC-SP)

A partir da segunda metade do século XIX, pelas mãos da ciência, os gozos sexuais foram fragmentados e classificados em “saudáveis” ou “doentes”, delimitando o campo do prazer útil e organizando os então considerados desvios e transgressões nas chamadas “perversões” ou “perversidades”. Da mesma maneira, o material hoje conhecido como pornografia encarna a produção obscena excluída dos padrões culturalmente aceitos do “gosto legítimo”. Entre os elementos que servem para torná-la incômoda, talvez os corpos anatomicamente diferenciados dos padrões de beleza dominantes e o riso contribuam com sua parte. Na produção pornô atual, o humor é apenas uma pequena fatia deste vasto universo, mas a risada é uma constante.

O sorriso e o riso, elementos por si só destabilizadores da “seriedade” oficial, quando associados ao sexo aumentam o grau de desconfiança e periculosidade com que estes produtos são encarados, ajudando a desqualificá-los. Conforme afirmou Bakhtin, em seu muito estudado *Cultura popular na idade média e no renascimento*<sup>1</sup>, o riso a partir do século XVII tornou-se algo alheio à visão de mundo da chamada cultura acadêmica moderna e científica. Muitas vezes tal elemento em conflito direto com a “ciência sexual”. Para a cultura dita oficial do Ocidente, sexo é algo muito, muito sério.

Mas para a pornografia, que não participa deste auto-proclamado discurso legítimo sobre a sexualidade, o riso e o sorriso são elementos fundamentais. Dentro deste negócio do “entretenimento para adultos” criado pela cultura de massas, existem subdivisões conhecidas como bizarro, sadomasoquista ou fetichista que apresentam as chamadas “perversões

---

<sup>1</sup> BAKHTIN, Mikhail, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, São Paulo, Hucitec/ UNB, 1987

sexuais”, ou o gozo ilegítimo. Nesta linha, o foco principal é o corpo que escapa às convenções sociais do “sadio”, “normal” ou “natural”.

Desta maneira, desde físicos com formas estranhas aos padrões dominantes de beleza como pessoas muito gordas/ velhas, grávidas, peludas, anões ou travestis; sexo envolvendo a erotização e adoração de partes do corpo, roupas ou objetos; práticas sexuais que envolvem humilhação e/ou dor física entre os parceiros - tais como *spanking* (palmadas ou chicotadas), açoitamento dos genitais, *piercing* (perfuração com agulhas), bondage (imobilização, comumente, mas não necessariamente, com cordas), esmagamentos, sufocações (com as mãos – asfixia erótica; ou com os genitais – *smoother*); penetração de objetos gigantes e/ou inusitados na vagina, ânus ou canal da uretra; *fist fuck* (penetração vaginal ou anal das mãos até o punho); sexo com urina (chuva dourada), fezes (banho marrom), vômito (banho romano); enemas ou masturbação com aspirador de pó tornam-se o espetáculo principal destas ramificações do mercado pornô.

Reafirmando a importância da questão corporal na atualidade, as revistas ou filmes com este tema apresentam o físico inscrito em outros territórios de desejo. Dentro desta segmentação de mercado, o riso é fundamental. Ele expressa tanto a idéia de sexo como diversão e entretenimento por parte dos atores/ performers, como o espanto e a surpresa pelo lado dos espectadores, revelando muitas vezes a agressividade e o desprezo enojado com que recebemos o inusitado, em especial no campo dos prazeres e deleites sexuais.

Para este estudo, que corresponde a minha dissertação de mestrado<sup>2</sup>, trabalhei apenas com pornografia legalizada, que pode ser encontrada em qualquer banca de revista ou videolocadora, mostrando apenas sexo entre adultos (maiores de 18 anos, segundo as fichas técnicas) e práticas “consentidas”. Desta forma, creio ser importante ressaltar que como estudei apenas a pornografia legal, a pedofilia e a necrofilia estão automaticamente fora de meu campo de trabalho. Quanto à zoofilia, esta possui um mercado internacional já há muito consolidado, onde a questão do intercuro sexual

---

<sup>2</sup> LEITE Júnior, Jorge, *Das maravilhas e prodígios sexuais – uma análise da pornografia hard core “bizarra”*, dissertação de mestrado defendida pela PUC – SP, 2003

entre homens e animais necessitaria ser analisada mais profundamente, o que não é o foco deste trabalho.

Nesta produção conhecida como pornografia “bizarra”, o sexo, as risadas e os corpos e práticas incomuns são o tema central desta curiosa linha de espetacularização da vida moderna.

No universo da cultura popular, o espetáculo não é um elemento novo, mas até o século XIX, normalmente encontrava-se restrito a festas e eventos importantes, e sua característica primeira estava na exposição do “extraordinário”, “fantástico”, “incrível”. Tudo o que ultrapassasse a linha do cotidiano e comum era motivo de espanto e, por isso mesmo, de demonstração pública. A cultura de massas, como observou Maria Celeste Mira<sup>3</sup>, alimenta-se da cultura tradicional e popular, dando-lhe uma nova e “moderna” roupagem, mas mantendo muito de suas características, ao mesmo tempo em que transforma os antigos participantes de tais eventos em seus espectadores. Assim, nesta recente vertente cultural, nasce a idéia de espetacularizar não apenas o sensacional, mas também o corriqueiro do dia-a-dia através da apresentação espalhafatosa das situações comuns.

Ajudando na formação desta nova maneira de vivenciar a modernidade, surgem as lojas de departamentos, onde pela primeira vez na história do Ocidente, as pessoas podem entrar no estabelecimento comercial não mais somente para comprar, mas apenas para passear e ver os produtos. É o “espetáculo das mercadorias”.

Nesta febre de espetacularização que a nascente cultura de massas trouxe do universo popular, também a ciência participou. Assim, surgiram as “exposições universais”, sucesso em vários países da Europa e nas Américas, criadas para apresentar à população dos grandes centros urbanos o que havia de mais incrível e avançado na tecnologia, ciências e, claro, no comércio. Ao mesmo tempo em que um pavilhão demonstrava as maravilhas sonoras do fonógrafo ou o raio X, outro local apresentava “famílias africanas primitivas”, que sob os auspícios da antropologia e das novas ciências humanas, eram

---

<sup>3</sup> MIRA, Maria Celeste, *Circo Eletrônico*, São Paulo, Olho D'água, 1995

trazidas de algum país “exótico” até a “civilização”, ficando expostas junto a um cenário que imitava paisagens “selvagens”<sup>4</sup>.

Neste ambiente, tanto na Europa Ocidental como nos países que eram política ou culturalmente colônias desta, também a própria tecnologia transforma-se em evento. Junto às feiras, circos e aos parques, apresentavam-se mágicos, dançarinas, cartomantes, artistas circenses, animais vivos (ou empalhados), palhaços, jogos de azar, presépios mecânicos, fonógrafos, exposições fotográficas, “lanternas mágicas”, o *maravilhoso aparelho que reproduz os movimentos da vida e as fotografias animadas*<sup>5</sup>, o *cynematographo* Lumière, além das chamadas “aberrações” humanas, como anões e mulheres barbadas, espetáculos estes conhecidos nos Estados Unidos como *freak show*.

A apresentação pública de “monstros” e anomalias humanas já acontecia desde a Idade Média nas festas religiosas e, após o Renascimento, eles passam a ser exibidos em tavernas, feiras e especialmente nas cortes para os nobres. Neste período o público era restrito e estes pequenos “espetáculos” ainda não se caracterizavam como uma forma própria de negócio. Graças a uma forte herança bíblica e medieval que considerava estes seres como prodígios divinos e a um aumento dos estudos médicos e científicos sobre o tema, em fins do século XVII, o gosto por monstros na Inglaterra, terra do empirismo, torna-se uma mania<sup>6</sup>.

Fazem sucesso então demonstrações como as de um ser meio homem meio peixe; do homem-tigre vindo da Índia; uma mulher de três seios; hermafroditas; anões; a criança “sem ossos” ou de uma pessoa com um corpo, quatro braços e quatro pernas, duas cabeças com dentes em ambas as bocas e até mesmo um monstro vindo da costa do Brasil, tendo *a cabeça como a de uma criança, pernas e braços muito maravilhosos, com uma longa cauda igual a uma serpente, com a qual se alimentava, como o elefante faz com sua tromba*. Em 1723 o primeiro museu público de Londres anunciava em um jornal: *monstros de todos os tipos são vistos aqui, coisas estranhas ao natural*,

---

<sup>4</sup> SOARES, Caio Caramico, *Zoológicos Humanos*, in *Caderno Mais!*, Jornal Folha de São Paulo, 14/ 7/ 2002

<sup>5</sup> ARAÚJO, Vicente de Paula, *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*, São Paulo, Perspectiva, 1981, p. 28

<sup>6</sup> SEMONIN, Paul, *Monsters in the Marketplace: The Exhibition of Human Oddities in Early Modern England*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996

como elas acontecem<sup>7</sup>. Surge então a espetacularização pública das anomalias humanas como um negócio específico. Estes “shows de aberrações” vão viajar o Ocidente inteiro, mas é nos Estados Unidos, um século depois, que irão se firmar e criar toda uma cultura específica.

Os “aleijões” e todo o tipo de pessoas com corpos estranhos passam a ser apresentados dentro dos circos em um número específico e como elementos exóticos, iguais às feras ou às “águas que dançam”, objetivando não exatamente o riso, como os palhaços, também herdeiros dos bufões medievais, mas principalmente o espanto da platéia. Desta forma, ao tornarem-se uma performance única no mundo do circo, as pessoas com alterações corporais excepcionais também são uma atração especial nos mercados, feiras e parques de diversões que, no século XIX, vão ganhar novo fôlego como centros de lazer no caótico meio urbano e industrializado das grandes cidades.

As apresentações de estranhezas humanas já são um grande sucesso na Europa no século XIX, mas é na América do Norte que tais eventos vão alcançar o auge de sua “profissionalização”. Com o sucesso causado por estes “assombrosos fenômenos”, surge toda uma cultura de espetacularização do estranho e anormal como um negócio extremamente lucrativo, que vai estar na raiz da nascente cultura de massas e do entretenimento. Desta forma, pululam nos grandes centros “museus” e teatros que apresentam quase que especificamente estes números, enquanto que em cidades menores ou distantes, tais shows adquirem a forma nômade dos pequenos circos<sup>8</sup>.

Nascem assim os *freak shows*, espetáculos em que são apresentados para apreciação pública todo o tipo de coisa estranha, esquisita ou bizarra, indo desde grosseiras falsificações como animais distintos empalhados e costurados juntos, formando um ser só (como um monstro metade carneiro, metade girafa) até fetos humanos abortados e guardados em vidros com formol, além de representantes típicos de outras culturas, como um guerreiro zulu, um esquimó ou mesmo uma senhora com alegados 120 anos de idade. Mas o grande sucesso destes eventos se deve às anomalias e deformidades humanas, que envolviam não apenas as estranhezas físicas como as

---

<sup>7</sup> Idem, Ibidem, p. 70

<sup>8</sup> FRETZ, Eric, *P. T. Barnum's Theatrical Selfhood and the Nineteenth-Century Culture of Exhibition in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, op. cit.

“anormalidades” psíquicas, tais como os vários tipos de deficiência mental. Os mais variados e distintos físicos expõem-se à admiração como verdadeiros monstros e prodígios da natureza, e com isso ganham a vida, fazem carreira e alguns poucos até acumulam fortunas. Apesar destes shows terem corrido o Ocidente inteiro, foi nos Estados Unidos que mais se desenvolveram, criando as bases de uma cultura da “anormalidade”. Entre 1840 e 1940, ocorre a “época de ouro” dos *freak shows* que, neste país, alcançam seu ápice na virada do século e durariam nesta forma até meados dos anos 60 do século XX<sup>9</sup>.

Os mais conhecidos tipos de *freaks* são: anões; corcundas, gigantes; gêmeos siameses; albinos; hermafroditas; tatuados; pessoas com membros a mais ou a menos; muito gordas, magras, peludas ou consideradas “feias” para os padrões da época; além de todo e qualquer tipo de anomalia física. Eles novamente representam os corpos que são uma “maravilha”, um fenômeno. Mas existem também aqueles cujos físicos não são fantásticos em si, mas fazem maravilhas: contorcionistas; engolidores de fogo, vidro ou ferro; pessoas que podem esticar a pele; sustentam pesos fenomenais apenas com o bico dos seios; engolem insetos e cobras vivas; saltam os olhos; emitem gases intestinais na quantidade e sonoridade que desejam, entre outras façanhas do organismo.

Em 1832, o zoologista francês Geoffroy Saint-Hilaire escreve *Histoire Générale et Particulière des anomalies de l'organisation chez l'homme et les animaux*, que tem como subtítulo *Traité de tératologie*. Nasce então a “teratologia”, a ciência que estuda as deformidades do corpo<sup>10</sup>. Para se diferenciar dos tratados sobre monstros e prodígios de até então, que misturavam as explicações orgânicas com as mágicas e espirituais, o autor abandona a raiz latina *monstrum* ou *monstra* e deriva o nome deste novo ramo da medicina do grego *terato*, significando ainda “monstruosidade, anomalia”, e originado de *terás*, “o sinal enviado pelos deuses, uma coisa monstruosa”. Criase uma outra nomenclatura para separar claramente discurso popular e conhecimento científico, mas seu significado continua o mesmo: o deformado

---

<sup>9</sup> THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, op. cit.

<sup>10</sup> TUCHERMAN, Ieda, *Breve História do Corpo e de seus Monstros*, Lisboa, Veja, 1999 p. 126

físico é um monstro. A medicina acaba colaborando para a manutenção do caráter de alteridade e estranheza da pessoa de corpo “anômalo”.

Com este tratado, Saint-Hilaire pretende não apenas um estudo sistemático e detalhado dos perfis anômalos e suas causas, baseado na metodologia científica, mas principalmente desvincular as deformidades físicas das explicações religiosas e do que passa a ser então considerado como mito e superstição. Os antigos monstros e bufões tornam-se agora erros da natureza; a maravilha corporal é entendida como doença e o medo que antes causavam passa a inspirar pena.

Segundo Rosemarie G. Thomson, em seu estudo sobre os chamados *freaks*, no século XIX o discurso oficial sobre os corpos e mentes deformados passa definitivamente para a mão dos médicos e de uma ciência totalmente laica. Acompanhando as mudanças de cultura e sensibilidade da época, os antigos monstros humanos transformam-se em doentes ou degenerados. A “maravilha” tornou-se erro<sup>11</sup>. Se no século XVII, o gosto por monstros tornou-se uma doença<sup>12</sup>, agora o próprio monstro revela-se não mais que uma patologia.

Com a diminuição na crença da monstruosidade como sinal divino, a deformidade corporal vai sendo cada vez mais naturalizada através da biologização de seu discurso, e entre os monstros do folclore popular e os doentes teratológicos da ciência erudita, surgem os *freaks* da cultura de massas.

Dentro da amplificação do processo de “desencantamento do mundo” e de tecnologização da existência, a concepção de monstro teve obrigatoriamente de migrar, no século XIX, do corpo para a mente. Já que na crença científica o mundo exterior não traz mais “maravilhas”, apenas aleijões, e muitos dos antigos prodígios não conseguiram sustentar-se no embate contra as provas empíricas de produção da “verdade”, restou ao homem moderno procurar os encantos e horrores do mundo fantástico dentro de si mesmo.

---

<sup>11</sup> No original em inglês, *wonder becomes error* em THOMSON, Rosemarie Garland, *From Wonder to Error – A Genealogy of Freak Discourse in Modernity*, op. cit., p. 3. Por não haver em português um equivalente exato da palavra “*wonder*”, utilizarei o termo “maravilha”, embora o sentido na língua original seja muito mais abrangente, como nos mostra o dicionário Michaelis: *wonder: milagre; prodígio, portento; maravilha; admiração, surpresa, espanto. NOVO Michaelis Dicionário Ilustrado*, São Paulo, Melhoramentos, 1977, p. 1076

<sup>12</sup> SEMONIN, Paul, *Monsters in the Marketplace: The Exhibition of Human Oddities in Early Modern England*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, op. cit., p. 69



Desta forma, a única via que restou como abrigo ao tema do monstro foi também a científica, mas agora vasculhando a subjetividade do indivíduo moderno. Neste longo processo, vai surgindo então uma figura que vai assombrar o imaginário social e desestabilizar os padrões normativos até os dias de hoje: o anormal. Conforme Foucault: *o anormal (...) é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado. O anormal vai continuar sendo, por muito tempo ainda, algo como um monstro pálido*<sup>13</sup>.

A medicina, em especial a psiquiatria, então no auge da caça aos “degenerados”, levou este tipo de *show* para um terreno mais privado. Ao mesmo tempo em que se iniciavam as campanhas visando a proibição dos espetáculos públicos de deficientes físicos e mentais, ela os levou para dentro do universo acadêmico em “eventos” particulares. Foi o período áureo das aulas e cursos onde médicos mostravam os mais variados “doentes” para exposição; psiquiatras apresentavam “perversos” e “pervertidos” sexuais frente a seletas platéias de homens tão cultos quanto atônitos. Afinal, não bastava apenas ter criado os conceitos de “esquizofrênico”, “homossexual” ou “masoquista” e classificado a humanidade atual e antiga com tais rótulos, era necessária a comprovação empírica através da apresentação de tais indivíduos. Como ilustra o filme *O Homem Elefante*<sup>14</sup>, a ciência retirou as “aberrações” humanas da proximidade agressiva da feira popular e levou-as para a piedade distante e elitista dos congressos médicos.

Ressaltando também a afinidade entre o corpo irregular e a delinquência, Foucault afirma: *enquanto, antes, ‘a monstruosidade trazia em si um indício de criminalidade’, agora há ‘uma suspeita sistemática de monstruosidade no fundo da criminalidade’*<sup>15</sup>. É neste contexto que a teratologia proclama que os antigos monstros ou os atuais *freaks* não passam de doentes, de erros da natureza frente a uma norma sadia, e as ciências da psique exploram seus “degenerados” e “loucos”, enquanto a criminologia estigmatiza a aparência do criminoso e da prostituta “natos”. Da mesma forma, no campo dos estudos sexuais, aparecem os conceitos de “perversões” ou “perversidades”, originadas de um “erro” da disposição erótica, uma “falha” na

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pág. 71

<sup>14</sup> *O Homem Elefante*, EUA, Direção: David Lynch, 1980

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, op. cit., pág. 432

organização fisiológica, um “desacerto” hormonal, um “desvio” psíquico ou um “defeito” da moral. Tais “problemas” são encarnados pelos recém criados *freaks* sexuais: a lésbica, o homossexual, o masoquista, a ninfomaníaca, o sádico, o zoófilo, entre tantas outras infinitas disposições ao prazer patologizado.

Mesmo Freud, na conferência sobre *A Vida Sexual dos Seres Humanos* (1917), trabalha com a separação entre humanos “normais” e os monstros “patológicos”: *agora, porém, chegamos a uma longa série de pessoas anormais cuja atividade sexual diverge cada vez mais amplamente daquilo que parece desejável para uma pessoa racional. Na sua multiplicidade e estranheza, somente podem ser comparadas aos monstros grotescos (...) podemos, nos detalhes mais visíveis assim como nos mais sutis, determinar os pontos em que essas anormalidades se baseiam naquilo que é normal e os pontos em que divergem da normalidade*<sup>16</sup>.

Assim, no início do século XX, junto às apresentações do cinematógrafo, das novas tecnologias, demonstrações de mesmerismo, dos recentes métodos de tratamentos médicos e psicológicos, além de acrobacias e mágicas, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise ganham relevância social graças a seu próprio “circo dos horrores”. Enquanto os *freaks shows* apresentam seus anormais como a mulher barbada, o homem elefante, a família lobo ou o menino crocodilo, as ciências da psique constroem e apresentam tanto às conferências médicas quanto ao imaginário ocidental, a criança masturbadora, a mulher histérica, o homem neurótico, a família degenerada e, claro, os perversos sexuais.

Gradativamente, as “aberrações” orgânicas vão decrescendo no gosto contemporâneo, motivadas principalmente pelo discurso científico que as compreende como doentes que devem ser tratados, não exibidos como mercadorias exóticas, dando lugar aos “desvios” psíquicos. As deformidades que passam a impressionar o público agora vêm da mente grotesca: são os assassinos psicopatas, os masoquistas, os maníacos, e toda a enorme variedade de estranhezas psíquicas. E na mesma proporção em que os *freak*

---

<sup>16</sup> FREUD, Sigmund, *Conferência XX - A vida sexual dos seres humanos* in *Obras Completas* em CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora

*shows* são gradativamente proibidos e a sensibilidade para com estes espetáculos se altera, considerando-os cada vez mais como apelativos, vulgares e ofensivos, cresce o número de presídios, hospícios e asilos. O aumento da “humanização” na maneira de encarar socialmente estas pessoas é diretamente proporcional ao afastamento destas do universo público. Mesmo sendo um “monstro pálido”, o anormal não é apenas diferente, mas um ser perigoso e ameaçador da normalidade.

É neste mesmo período, a passagem do século XIX para o XX, que nasce o produto conhecido hoje como “pornografia”. Diferente das representações sobre a sexualidade humana que a precederam e eram indissociáveis de uma crítica político-social, este novo material caracteriza-se pela intenção de provocar o desejo e a excitação sexual em seu público consumidor como um fim em si mesmo, além da produção em massa alheia às questões filosóficas.

O luxo da aristocracia foi substituído pelo conforto da burguesia. Se no chamado Antigo Regime a esfera pública era formada em torno do rei, com o burguês vivendo excluído deste mundo, no XIX, a “intimidade” torna-se um valor fundamental e alcança a posição de padrão comportamental, no qual o mundo privado torna-se a expressão da individualidade burguesa. A “obscenidade” ou seja, aquilo que deveria estar fora de cena, ganha uma nova manifestação: o particular em público, a intimidade fora da esfera privada<sup>17</sup>.

Surgem também os chamados “museus secretos”, coleções particulares de produtos ligados ao erotismo e à sexualidade e que escapam ao controle regulador externo, seja ele estatal ou sócio-moral. A arqueologia descobre, entre as ruínas de Pompéia, uma série de objetos e imagens sexuais explícitas. O Museu de Nápolis resolve mantê-las em área reservada, proibindo a visitação de mulheres, crianças e homens incultos. Para nomear o conjunto de tais obras que mostravam uma quantidade enorme de desenhos de cortesãs e

---

<sup>17</sup> Não é por acaso que os termos “*private*” e “*privé*”, surgidos no século XVI para designar o espaço social excluído da esfera pública (o rei e a corte), vão ambos se tornar, no século XX, marcas registradas de produtos relacionados à pornografia. Em 1965 surgiu na Suécia a empresa hoje conhecida como Private Media Group Inc, uma das maiores do ramo da pornografia, vendendo seus produtos em vários países ocidentais, inclusive no Brasil.

cenar de sexo e deveriam ser vistas apenas com fins científicos e culturais, o termo escolhido foi “pornografia”<sup>18</sup>.

Graças a um novo incremento nas gráficas e editoras, e um aumento substantivo de mulheres e crianças além de proletários como público leitor, aparece, finalmente, a “pornografia” como classe independente de obras literárias, pictóricas e produtos distintos. *Em outras palavras, a pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta à ameaça de democratização da cultura*<sup>19</sup>.

Marx, quando escrevia *O Caráter Fetichista da Mercadoria e seu Segredo*<sup>20</sup>, no volume I de *O Capital*, não levava em conta a influência de produtos como imagens e textos relacionados ao erotismo em nossa cultura (e economia)<sup>21</sup> neste trabalho publicado em 1867. O próprio termo “fetichismo” só será relacionado à sexualidade em 1889, com o famoso catálogo de perversões sexuais do psiquiatra austríaco Richard Von Krafft-Ebing, o livro *Psychopathia Sexualis*. O criminalista Cesare Lombroso emprega a palavra “fetichismo” na introdução deste tratado na Itália em 1889. No mesmo ano sai a quarta edição deste livro, pela primeira vez com o termo, afirmando o autor que se baseou no texto de Lombroso para criar esta nova categoria. Agora a expressão passa a significar a adoração de caráter sexual para com objetos ou partes do corpo da pessoa desejada - embora não tenha perdido o sentido desqualificador do termo. Antes dele, esta expressão era usada para designar um tipo de adoração religiosa de objetos sagrados. Apesar de ser um termo científico vindo da antropologia, normalmente era usado em sentido pejorativo.

O criador do socialismo científico ao analisar a mercadoria como fetiche (o poder mágico que mascara relações sociais), não previa o “fetiche” (objeto capaz de evocar volúpia e sensualidade erótica) como mercadoria. Menos de cinquenta anos depois deste texto, acompanhando todas as mudanças sócio culturais e inaugurando a temática sexual na cultura de massas, a pornografia despontava como um vigoroso negócio.

---

<sup>18</sup> Significando “escritos sobre prostitutas”. FREIRE, João, *Prazeres Desprezados: a Pornografia, seus Consumidores e seus Detratores* in LUGAR COMUM, *Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Nº 12, Publicação do NEPCOM, Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2001, p. 66

<sup>19</sup> HUNT, Lynn, *Obscenidade e as Origens da Modernidade (1500-1800)*, in HUNT, Lynn (org.), *A Invenção da Pornografia*, São Paulo, Hedra, 1999, p. 13

<sup>20</sup> MARX, Karl, *O Capital*, Vol. I, São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 70

<sup>21</sup> Sem contar a prostituição.

E da mesma forma que os deleites sexuais, até o século XVIII chamados genericamente de “libertinagem” foram fracionados em infindáveis categorias de “perversões”, a pornografia também criou suas ramificações com o tempo, na mesma proporção em que esta era assimilada pela sociedade. Quanto mais o processo de legalização deste tipo de material avançou no século XX, novas categorias foram surgindo para classificar as representações sexuais menos legitimadas socialmente. Desta maneira, o próprio mercado pornográfico forjou os termos “bizarro”, “sodomasoquista” e “fetichista” para englobar as práticas supostamente incomuns ou perversas.

Percebemos então que a representação sexual “bizarra/sodomasoquista/fetichista” possui uma forte herança dos espetáculos de “aberrações humanas” e *freak shows*, pois ela também, à sua maneira sexualizada, espetaculariza os corpos em situações extremas, nas quais eles fazem ou são “maravilhas” e “prodígios”. Se a pornografia pode ser entendida como a versão torta e deformada do erotismo, a ramificação desta, conhecida como “sexo bizarro” é então sua extensão mais radical. Indo além de simplesmente apresentar o sexo, os filmes ou revistas pornôis envolvendo sodomismo, fetiches e práticas extraordinárias, procuram a espetacularização do estranho e inusitado em matéria de prazeres sexuais. Desta maneira, tais “shows” são criados para apresentar um corpo “monstruoso” não apenas no popular contexto de malignidade espiritual ou doença, mas no sentido da Antiguidade: uma maravilha, um prodígio da natureza que tanto pode causar medo ou repulsa como provocar o riso ou a excitação. Afinal, tais fenômenos espantosos eram considerados neste período a prova de que “a natureza se diverte em suas obras”<sup>22</sup>.

Na Idade Média, conta-se sobre um cinocéfalo hermafrodita visitando a corte francesa. Este estranho ser com corpo humano, cabeça de cão e possuindo os dois sexos foi considerado um importante aviso contra os desvios da sexualidade, em especial os cruzamentos de gêneros e raças. Através de sua aparência, estampava-se a proibição do homossexualismo e da zoofilia. O

---

<sup>22</sup> KAPPLER, Claude, *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 321

*monstro corporifica aquelas práticas sexuais que não devem ser exercidas ou que devem ser exercidas apenas por meio do corpo do monstro*<sup>23</sup>.

Já desde o início do século XX, a pornografia apresentava cenas de *fist fuck*, brincadeiras com urina, rituais sadomasoquistas, adoração de pés ou penetração de objetos inusitados. Apenas com o gradual aumento do mercado consumidor da pornografia, a separação entre “sexo convencional” e práticas “pervertidas” foi se intensificando. A pornografia, que no início estava totalmente associada à delinqüência moral ou legal, com sua lenta assimilação social, vai se distanciando da representação considerada perversa ou doente, e com isso ganhando maior legitimidade e aceitação pública. As práticas e imagens fantásticas deixam de ser algo comum neste discurso visual e tornam-se apenas uma ramificação.

É justamente sob a estética do grotesco que pode ser entendida a pornografia em geral e, especialmente, a “bizarra/ fetichista/ sadomasoquista”, manifestada pela exposição exagerada dos closes genitais (*Explorando o canal retal* – EUA, 1998), das “anormalidades” físicas (*Anã Anal* – França; sexo com uma anã) e dos corpos “não-domesticados”. Nestas produções, o número gigantesco de parceiros sexuais em uma única relação (*Ultra Kinky 21: All Hole Gang Bang* - EUA), a penetração e masturbação com os mais variados objetos (*Eurotica 9: Bizarre Anal Fantasies; Inspeção Anal - Brasil; Sujas e Taradas – Série Fantastic* – EUA, 94), inclusive com vegetais (*Cooking and Painting with Mila* - EUA), mulheres grávidas (*Prontas para Parir 2 – apresentando a atriz Fallon, “a esguichadeira”*), as imagens de humilhação do parceiro (*Atrocidades Sexuais*, 97 - EUA; *Escavidão Sexual* – Bélgica, 95), as práticas com excrementos e secreções (*Sperm Slurping Girls* – EUA, 98; *Sacana, essa “Miss Merda”* - Brasil), são não somente uma constante, mas a própria razão de ser deste tipo de produção. E sempre apresentando muitas risadas e sorrisos, como que para desafiar a seriedade do universo oficial e oficioso com que a sexualidade é tratada em público. Diversão, riso, prazer e sexo são aqui associados antes de tudo ao estranho, curioso e “anormal”.

Nestas representações, o foco encontra-se nas práticas que causam espanto, nos desejos que impressionam e, principalmente, no corpo que faz

---

<sup>23</sup> COHEN, Jeffrey Jerome, *A Cultura dos Monstros: Sete Teses*, in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), *Pedagogia dos Monstros*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 44

“maravilhas”. Não por acaso o filme *O diabo na carne de Miss Jones* participou do Festival do Cinema Fantástico de Arvoriaz<sup>24</sup>. “Maravilhas” estas que, se por um lado atraem e revelam um riso próprio, convidando o espectador a apreciar tais jogos e brincadeiras, ao mesmo tempo ridicularizando as proibições sociais, naturais ou estéticas e as revalorizando por contraste, também causam medo ao escancarar os limites entre o possível, o desejado e o permitido, tanto nos corpos, quanto nas relações sociais. A pornografia dita “bizarra” apresenta não apenas a transgressão “exagerada” dos prazeres e limites dos corpos, mas ela própria pode ser compreendida como um exagero, uma versão grotesca da representação obscena.

Assim, como na estética do grotesco, tanto os antigos *freak shows* quanto a atual pornografia bizarra/ fetichista/ sadomasoquista procuram mostrar os corpos em posições não usuais, realçando as partes normalmente escondidas ou apresentando a pessoa por um ângulo incomum. Mas no universo pornô o foco é, claro, na sexualidade. A capacidade acrobática para suportar as mais variadas posturas é sempre valorizada, assim como a elasticidade dos orifícios corporais. Além dos físicos “deformados” já clássicos do universo do entretenimento como anões ou pessoas muito gordas, velhas ou peludas, o próprio exagero de apenas algumas partes de um físico dito “normal” é um elemento constante.

Aparecem então as atrizes com seios gigantes, modelos com clitóris ou lábios vaginas superdesenvolvidos, atores de pênis enormes, entre outros. Mesmo produções envolvendo mulheres grávidas são quase sempre classificadas dentro de um dos rótulos acima, pois apresentam uma “exceção” e um exagero do perfil feminino quando comparado a seu estado “normal”. Existem então centenas de filmes com tais elementos, muitos agrupados sob o mesmo rótulo: *Ass Freaks; Foot Fuckin’ Freaks; Freaks of the Nature; Semen Freaks; Twin Freaks - Vidco Vulgar 58* ou *A Clock Strikes Bizarre on Butt Row*. De filmes intitulados *Freak Show* a textos de promoção afirmando: *de close-ups extremos e penetrações admiráveis com vegetais e dildos enormes à*

---

<sup>24</sup> ABREU, Nuno César, *O olhar pornô*, Capinas, Mercado das Letras, 1996

volumosos objetos como tacos de baseball, extintores de incêndio e muito mais.<sup>25</sup>, esta idéia do excesso é uma constante nestas produções.

E como o *star system* da pornografia “convencional”, elemento fundamental para a solidificação de um mercado, o mundo do entretenimento sexual “desviante” também produz suas celebridades. Um exemplo feminino atual é a atriz apropriadamente chamada Amazing Ty. Além de sua assombrosa capacidade de penetrar na vagina e ânus objetos dos mais variados tipos e larguras e da prática do *fist fuck* vaginal e anal ao mesmo tempo, como em *Monster Anal Bedtime Histories; Kinky Big-Hole Sluts; Ty’s Monster Anal Invasion; 3 Hole Punch; Monster Dildo Olympix*, esta performer loira de pouco mais de 40 anos consegue um feito realmente notável: a inserção em seu canal da uretra de objetos do tamanho e formato de um pênis normal, prática conseguida depois de anos de treino como ela mesma explica em um filme da série *Uretral Weapon*.

Desta forma, podemos concluir que os “espetáculos de aberrações”, a fascinação elitista para com o estranho e a estigmatização do considerado “anormal” não desapareceram com os quase antigos *Freak Shows*, mas foram remodeladas pela cultura de massas e pela ciência. Tanto nas persistentes concepções “científicas” de “perversão” ou “parafilia” quanto nos programas de auditório que colocam travestis em cena para o público descobrir se são “homens” ou “mulheres” e assim as “desmascarar”, a espetacularização estigmatizante está presente. E a pornografia auto-intitulada bizarra é um exemplo atual deste nebuloso campo onde se unem o sexo, o riso e os corpos incríveis com suas práticas “maravilhosas”. Lembrando o que afirmou Aretino em seus Sonetos Luxuriosos de 1527: *Aqui as pessoas trepam dos jeitos mais fascinantes, de um modo jamais visto*<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Texto da página de apresentação do site *Butt Cam*, especializado em imagens de inserção de objetos, inclusive de uma câmera especial usada para mostrar o interior do corpo. - <http://www.buttcam.com> – site visitado em março de 2003

<sup>26</sup> ARETINO, *Sonetos Luxuriosos*, na tradução de FINDLEN, Paula, *Humanismo, Política e Pornografia no Renascimento Italiano*, in HUNT, Lynn (org.), *A Invenção da Pornografia*, op. cit., p. 101